

## CANDEIRO, ESTEIRA E GIZ: NARRATIVAS DA ALFABETIZAÇÃO NO MOBRL ENTRE OS ANOS 1970-1980

*Bianca Nogueira da Silva Souza<sup>1</sup>*

**Resumo:** O Movimento brasileiro de Alfabetização – Mobral – é um produto do governo militar em toda sua extensão (1964-1985). Como tal ele carrega as credenciais de quem o gerou, nutriu e pôs em vigência. Ao longo dos dez anos de sua existência o Mobral perseguiu o ideal de “erradicar o analfabetismo no país” à medida que, com suas práticas, buscava conferir graus crescentes de legitimidade a um regime de exceção. Este trabalho pretende pôr em discussão interesses, alcances, fragilidades e a herança histórica deixada pelo Mobral para os anais da educação brasileira. Para isso analisei esse movimento tanto em seus aspectos materiais quanto humanos dentro da estrutura do governo, a partir de relatos orais de memória com personagens que compuseram este cenário, cartas escritas por alunos e alfabetizadores, jornais didáticos, cartilhas de alfabetização e seus recursos imagéticos. Com base nessas fontes pude criar, como faz um artesão com seus retalhos, um mosaico da história da educação popular no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980. Os resultados encontrados pela pesquisa apontam para uma ressignificação do Mobral enquanto projeto pedagógico e ideológico ao longo do tempo: de sinônimo de alfabetização e desenvolvimento humano a sigla passou a termo pejorativo, sendo associada à ignorância e ao analfabetismo. A mudança no tom e no sentido carrega ainda como consequência o questionamento moral e político do governo militar e seus feitos no campo educacional.

**Palavras-chave:** Mobral. Analfabetismo. Ditadura Civil-Militar. Educação Popular.

99

### LAMP, MAT AND CHALK: NARRATIVES OF LITERACY IN MOBRL BETWEEN THE YEARS 1970-1980

**Abstract:** The Brazilian Movement of Literacy - Mobral - is a product of the military government in all its extension (1964-1985). As such, it carries the credentials of those who begot it, nurtured it, and put it into effect. Throughout the ten years of its existence, Mobral pursued the ideal of "eradicating illiteracy in the country" as, through its practices, it sought to confer increasing degrees of legitimacy on a regime of exception. This work aims to discuss interests, reach, fragilities and the historical heritage left by Mobral for the annals of Brazilian education. For that, I analyzed it both in its material and in human aspects within the government structure, from oral reports of memory with characters that composed this scenario, letters written by students and literacy students, textbooks, literacy booklets and their imagery resources. Based on these sources, I was able to create a mosaic of the history of popular education in Brazil between the 1970s and 1980s, as an artisan with his flaps does. The results found by the research point to a re-signification of the Mobral as a pedagogical and ideological project along of time: from synonymous of literacy and human development, the acronym became a pejorative term associated with ignorance and illiteracy. The change in tone and meaning still carries as consequence, the moral and political questioning of the military government and its achievements in the educational field.

**Keywords:** Mobral. Illiteracy. Civil-Military Dictatorship. Popular Education.

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2016) - UFPE. Atualmente é professora do programa de pós-graduação na modalidade à distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPE) e da rede municipal de ensino da cidade de Jaboatão dos Guararapes.

## LAMPE, TAPIS ET CRAIE: RÉCITS D'ALPHABÉTISATION SUR LE LIEU DE TRAVAIL ENTRE 1970 ET 1980

**Résumé:** Le Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mouvement brésilien d'Alphabétisation) - Mobral - est un produit du gouvernement militaire dans toute extension (1964-1985). Comme tel, il porte les références de ceux qui l'ont engendré, l'a nourri et l'a mis en œuvre. Au cours de ses dix années d'existence, Mobral a poursuivi l'idéal d'"éradiquer l'analphabétisme dans le pays" à mesure que, avec ses pratiques, a cherché conférer des degrés croissants de légitimité à un régime d'exception. Ce travail prétend en discussion, des intérêts, de la portée, des fragilités et de l'héritage historique laissée par Mobral pour les annales de l'éducation brésilienne. Pour cela, je l'ai analysé tant dans ses aspects matériels que humains au sein de la structure du gouvernement, à partir de rapports oraux de mémoire avec les personnages qui ont composé ce scénario, des lettres écrites par des étudiants et alphabétiseurs, journaux pédagogiques, livrets d'alphabétisation et leurs ressources en images. Sur la base de ces sources, j'ai pu créer, comme un artisan avec son patchwork, une mosaïque de l'histoire de l'éducation populaire au Brésil entre les années 1970 et 1980. Les résultats trouvés par la recherche pointent par une résignification du Mobral comme projet pédagogique et idéologique au loin du temps: de synonyme d'alphabétisation et de développement humain, l'acronyme est devenu péjoratif, être associé à l'ignorance et à l'analphabétisme. Le changement de ton et de direction porte encore comme conséquence du questionnement moral et politique du gouvernement militaire et de ses faits dans le champ de l'éducationnel.

**Mots-clés:** Mobral. Illettrisme. Dictature civil-militaire. Education populaire.

## LÁMPARA, CINTA Y TIZA: NARRATIVAS DE LA ALFABETIZACIÓN EN EL MOBREAL ENTRE LOS AÑOS 1970-1980

El Movimiento brasileño de Alfabetización - Mobral - es un producto del gobierno militar en toda su región (1964-1985). Como tal, lleva las credenciales de quien lo generó, nutrió y puso en vigencia. A lo largo de los diez años de su existencia el Movimiento persiguió el ideal de "erradicar el analfabetismo en el país" a medida que, con sus prácticas, buscaba conferir grados crecientes de legitimidad a un régimen de excepción. Este trabajo pretende poner en discusión intereses, alcances, fragilidades y la herencia histórica dejada por el Moire para los anales de la educación brasileña. Para ello lo he analizado tanto en sus aspectos materiales como humanos dentro de la estructura del gobierno, a partir de relatos orales de memoria con personajes que compusieron este escenario, cartas escritas por alumnos y alfabetizadores, diarios didácticos, cartillas de alfabetización y sus recursos imagéticos. Con base en esas fuentes pude crear, como hace un artesano con sus retazos, un mosaico de la historia de la educación popular en Brasil entre las décadas de 1970 y 1980. Los resultados encontrados por la investigación, apuntan hacia una resignificación del Mobe como proyecto pedagógico e ideológico a lo largo del siglo XX tiempo: de sinónimo de alfabetización y desarrollo humano la sigla pasó a término peyorativo, siendo asociada a la ignorancia y al analfabetismo. El cambio en el tono y en el sentido se carga como consecuencia el cuestionamiento moral y político del gobierno militar y sus hechos en el campo educativo.

**Palabras clave:** Moverse. El analfabetismo. Dictadura Civil-Militar. Educación Popular.

## Introdução

Um dos maiores desafios que tive de lidar durante as investigações sobre o Mobral (tema central de minha tese de doutorado) foi a (re)montagem do cotidiano da alfabetização nas diversas salas de aula montadas em todo o Brasil. Os jornais, os editais, as cartilhas e até mesmo as entrevistas garimpadas durante a pesquisa me diziam pouco sobre as aulas, as práticas de ensino, a rotina pedagógica, o uso do material didático e principalmente sobre as etapas de alfabetização e apropriação dos alunos do conteúdo proposto naquele que foi o maior programa de alfabetização em massa da história da educação brasileira.

O que, de maneira geral, as fontes oficiais<sup>2</sup> apresentavam eram relatos harmônicos e bem encaixados de espaços agradáveis, seguros e de ampla promoção do educando. Os desafios e as limitações eram tratados como questões naturais do processo de implantação de um programa de massa e sempre suavizados pelos discursos da superação pessoal, colaboração, força e união coletiva.

Entretanto, esse passado tornou-se mais completo, e também controverso quando pude “ouvir” os próprios alunos e professores do Mobral narrando suas experiências, trajetórias de vida e rotinas de estudo e trabalho. Essa escuta do passado só me foi possível através da leitura e de estudos das cartas que esses sujeitos (alunos e professores) frequentemente enviavam ao Mobral Central.

As missivas me trouxeram novos elementos para percorrer curvas criadas pelo tempo e ferramentas para escavar os fatos até então inacessíveis à pesquisa. Esse conjunto de narrativas possibilitou obter uma visão mais nítida do espelho que usamos para olhar o passado, mas também trouxe consigo outro desafio, o de operá-las enquanto fonte.

O uso de cartas como fonte de informação não é algo recente na prática historiográfica, sendo tão antigo quanto o hábito de escrevê-las. As pesquisas recentes amparadas pela abordagem e abertura da História Cultural, no entanto, ampliaram o debate sobre o uso de cartas, tornando-as também objeto de estudo, o que sedimentou um novo campo de possibilidades para o historiador.

Para esta pesquisa, as correspondências de alunos, professores e agentes administrativos do Mobral representaram uma ampliação substancial nas possibilidades

---

<sup>2</sup> Refiro-me aqui aos relatórios oficiais do Mobral publicados em: CORREIA, Arlindo Lopes. Educação de massa e ação comunitária. Rio de Janeiro: AGGS: Mobral, 1979.

de compreensão do movimento e seu papel como agente de legitimação, simpatia e aceitação do governo militar nos anos de 1970 e 1980. O enredo das cartas associado a outras fontes a priori pensadas, forma uma descontínua peça de tapeçaria onde até mesmo os espaços vazados se traduzem em informações sobre o passado. Considerei no manuseio das cartas alguns aspectos, tais como: a própria carta como objeto de informação, a identidade social do seu autor que instala em sua narrativa curiosos processos autorreferenciais e o seu possível destinatário, neste caso órgão/instituição<sup>3</sup>.

O conjunto de correspondências aqui utilizadas, entendidas como produções fronteiriças entre o público e o privado (tanto pelo seu conteúdo quanto pela conexão que estabelece entre indivíduo-comunidade-Estado), foi enviado por todos os municípios brasileiros à gerência pedagógica do Mobral-Central, órgão responsável por ler, fazer os encaminhamentos, responder (quando julgasse necessário) e arquivar as cartas. Nesse conjunto epistolar surgem três tipos de cartas, a partir de seus remetentes, que classifico como: cartas dos alfabetizadores; cartas dos alunos e cartas-resposta.

## Cartas dos alfabetizadores

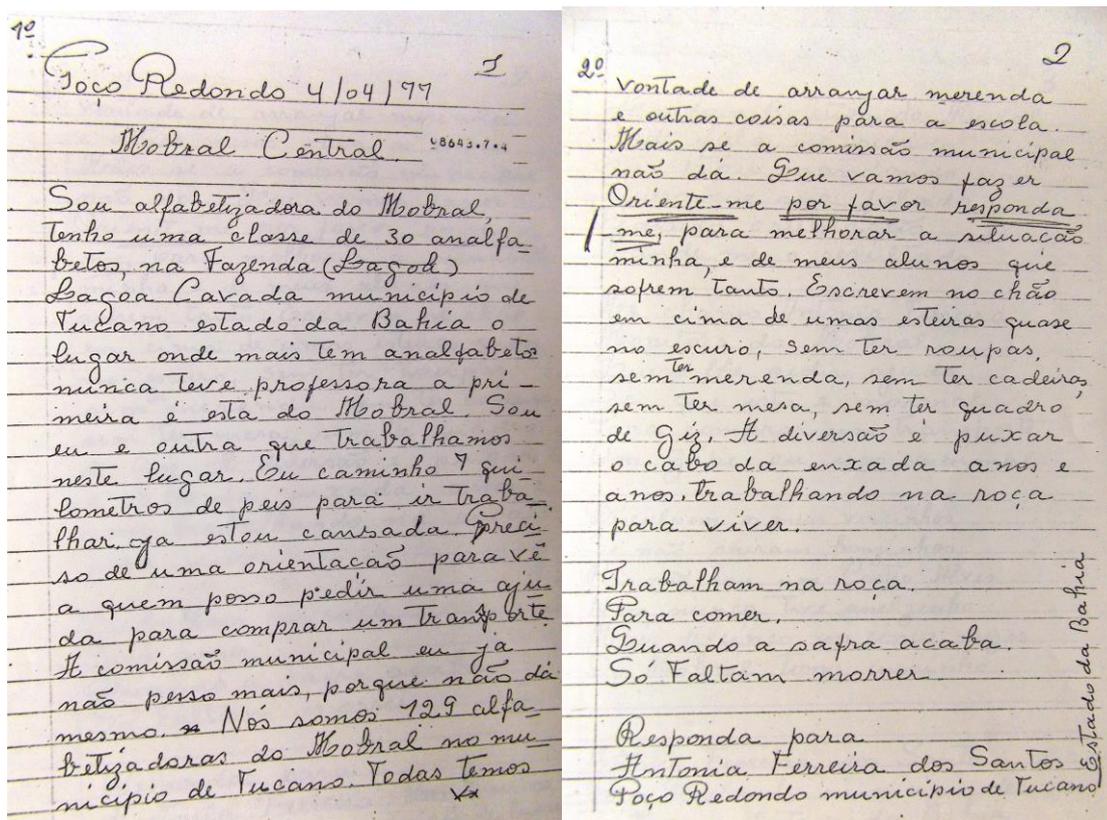
Escrever cartas estava entre as obrigações profissionais de um alfabetizador do Mobral, embora nem sempre o fizesse de forma regular, desembaraçada e detalhada, como determinava a coordenação pedagógica. Os professores deveriam escrever mensalmente uma espécie de “carta-relatório” narrando como estavam as aulas, a assiduidade entre os alunos, comunicar os eventuais desistentes e tirar possíveis dúvidas na aplicação da metodologia.

Entretanto, esses escritos narram mais do que isso. Aproveitando a janela de comunicação com as instâncias centrais, as comunidades rurais e urbanas do país usavam as cartas para esses e outros interesses. Diante da oportunidade de se fazer ver e ouvir, os alfabetizadores não se furtavam de apresentar suas adversidades cotidianas e pedir providências, como destaque na carta da alfabetizadora Antonia Ferreira dos Santos (Figuras 1 e 2):

<sup>3</sup> Oriento-me metodologicamente aqui por aquilo que Malatian (2012) defende, ao afirmar que: “Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva”. Ver: MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezzi (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 200.



**Figuras 1 e 2-** Carta de alfabetizadora do Mobral I - Carta Antonia Ferreira dos Santos, Poço Redondo, município de Tucano-BA



Fonte: INEP – Arquivo Mobral, Cx 126, nº 305.

A carta de Antonia Ferreira apresenta um típico cenário da realidade dos mobralenses das zonas rurais nos anos de 1970-1980. Aquela era a primeira experiência de alfabetização na comunidade de Tucano – BA. Muitas expectativas e desafios estavam postos diante de uma população quase que em sua totalidade analfabeta. Antonia é uma das exceções, apesar das muitas limitações no domínio da escrita. Assume o posto de alfabetizadora motivada, sobretudo, pela possibilidade do aumento na renda familiar o que abrandaria a grande pobreza na qual se vivia no interior baiano.

Na carta ao Mobral Central Antonia narra sua rotina à frente da turma 4 do posto 12 e em tom de desabafo coloca: “Eu caminho 7 quilômetros de pés para trabalhar. Já estou cansada. Preciso de uma orientação para vê a quem posso pedir uma ajuda para comprar um transporte”. A carta deixa claro que as dificuldades naquele posto já tinham sido comunicada diversas vezes à COMUN, setor responsável por dar todo suporte aos professores e garantir as condições adequadas para os funcionamento das salas de alfabetização. Mas, diante do silêncio e de possíveis restrições em trazer soluções às

questões cotidianas ela reclama: “A comissão municipal eu já não pesso mais porque não dá mesmo”. Em outro trecho endossa: “Mais se a comissão municipal não dá, o que vamos fazer. Oriente-me por favor. Responda-me”. A expressão da carta parece ganhar mais peso e ar de desespero quando a alfabetizadora afirma que seus alunos “que sofrem tanto. Escrevem no chão, em cima de umas esteiras quase no escuro, sem ter roupas, sem ter merenda, sem ter cadeiras, sem ter mesa, sem ter quadro de giz. A diversão é puxar o cabo da enxada anos e anos”.

Ao fim da carta, Antonia anexa uma de suas poesias. Inspirada na dura realidade que vivia como professora e no sofrimento compartilhado com seus alunos:

Me chamo Antonia Ferreira  
 Alfabetizadora do Mobral  
 Quero lhe pedir ajuda  
 Sei que isto é normal  
 Para comprar um transporte  
 Um jipe ou um animal  
 Disculpem os meus versinho se não saíram bonzinho.  
 Pois não sou castro Alves nem nunca tive anelzinho  
 mas de cinco em cinco mezes.  
 Do Mobral tomo cursinho”.

O quadro de pobreza, fome, falta de estrutura e queixumes são comumente descritos nas cartas de alfabetizadores de muitas regiões brasileiras. Não encontrei em outras fontes de pesquisa esse tom narrativo, apenas nas cartas. Nos jornais pedagógicos editados pelo Mobral, os trechos de cartas reproduzidos são sempre elogiosos e marcados pela reverência e gratidão ao governo militar pela iniciativa de criar o movimento. Em nenhuma das edições pesquisadas as queixas foram publicadas. Definitivamente, esse não era o espaço para tais escritos.

O cotidiano desafiador tinha seu lugar apenas nas cartas e foi também apresentado pela alfabetizadora Maria Anita de Sousa, ao destacar que: “As minhas reclamações são: Sobre problema de lapis, caderno, lampião, dificuldades que os alunos tem de visão a necessidade que eles sentem sobre a merenda escolar se possivel chegasse seria ótimo”<sup>4</sup>. Ou ainda:

Na minha sala de aula também tem uma grande falta que nas turma tem gente velho que avista é pouca não enxergam. E a energia daqui deste distrito o motor só veve no prego já faz mais de mês que está em conserto em Fortaleza e não mais voltou, e eu como monitora não tenho

<sup>4</sup> Ipueriras - Sobral, Ceará. 12/06/1980. Fonte INEP – Arquivo Mobral, Cx 121, n° 224.

posse de comprar uma lâmpada; e o posto está sendo iluminado com faróis e os alunos de pouca vista acham ruim porque não enxergam e não compreendem e nem podem ter atenção e a comunidade aqui todos são pobre não podem auxiliarem com olhos e eles não podem comprarem e assim não sei que fazer [...].<sup>5</sup>

As reclamações se multiplicam ao longo das milhares de cartas que compõem o arquivo histórico do Inep. Elas fazem denúncias graves de descaso, pobreza, abandono, corrupção, tensões políticas, além de pedir ajuda para resolver os inúmeros problemas anunciados. As críticas aparecem, sem muitas exceções, ao longo de todo o conjunto das cartas, o que revela outro discurso sobre o Mobral, para além do oficial que é absolutamente marcado pela positividade, ganhos e sucesso que o governo insistia em ostentar.

Outro aspecto curioso nas correspondências dos professores do Mobral (e também dos alunos, como mostrarei adiante) era que, embora o destino fosse o órgão central no Rio de Janeiro, muitas dessas cartas estavam endereçadas nominalmente a sujeitos específicos, autoridades nacionais da época, como os presidentes do Mobral (Mario Henrique Simonsen e Arlindo Lopes Correia) e os presidentes da República do período (Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel). Uma das cartas a usar esse artifício é a da alfabetizadora Maria Furtado Viana (Figura 3).

---

<sup>5</sup> Alfabetizadora Raimunda Amélia Mesquita. Posto 45, Araoarí, Município de Itapipoca – CE. Diante da impossibilidade de reproduzir todas as cartas utilizadas diretamente na escrita da tese, busquei reproduzir os trechos escolhidos com a maior aproximação possível do narrado, mantendo inclusive os erros ortográficos, ausência de vírgulas, pontos, letras e sinais de acentuação.

**Figura 3** - Carta de alfabetizadora do Mobral II

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Republica  
 Saudações  
 Fazendo votos a Deus pela vossa felicidade venho por meio d'esta agradecer a V. Exl. Cia por ter creado a Escola Mobral e tambem vos parabenizar por ter tido tão boa idéia... porque sendo eu uma das que tambem estou lecionando n'essa Escola, quero vos dar meus sinceros agradecimentos por esta (embora com muito sacrificio) ganhando esses 70 Contos que (muito embora muito pouquinho já me serve para ajudar a criar meus filinhos que são nove e sabe Deus como crio com a horrivel carestia de tudo, ainda não sobrou nem para eu limpar minha Classe... mais a Deus querer, pode ser que ainda venha um bom aumento, e eu melhore tudo em minha Classe, e comprar até uns banquinhos porque os Alunos são 30, e os bancos que tenho são poucos. Como tambem para comprar o Querosene pois more fora da Cidade, dois Quilômetros, e não tem Luz. Confhada em Deus e no vosso bom coração espera que essa melhora se mais humilde de vossas servas.

Maria Furtado Viana  
 Sítio. Sítio Uruburetama Est. do Ceará  
 Em 26 de Novembro de 1941

**Fonte:** Inep – Arquivo Mobral, Cx 126, nº54.

A vida no Sítio Açude Uruburetama, na zona rural do Estado do Ceará vai sendo desenhada na carta da alfabetizadora Maria Furtado Viana. A fé, característica peculiar entre o povo cearense, está presente já nas primeiras linhas da carta: “fazendo votos a Deus pela vossa felicidade venho por meio d’esta agradecer a V. Exl. Cia por ter creado a Escola Mobral e também vos parabenizar por ter tido tão boa idéia...”. Em meio às notas de agradecimento o cenário de profunda escassez e privações vai sendo narrado “Embora com muito sacrifício, ganhando esses 70 contos que muito em embora muito pouquinho já me serve para ajudar a criar meus filinhos que são nove e sabe Deus como crio com a horrível carístia de tudo, ainda não sobrou nem para eu limpar minha classe..” (...).

Pelo menos dois aspectos devem ser ressaltados nesta carta: o primeiro é o sutil pedido de aumento no pagamento destinado aos alfabetizadores, assunto recorrente nas cartas de outros alfabetizadores; e o segundo é o envolvimento financeiro de alfabetizadores e outros sujeitos da comunidade para a compra de itens essenciais à manutenção dos pontos de alfabetização: material de limpeza e querosene. As “cotinhas”

eram imprescindíveis para que as aulas não fossem interrompidas. Com baixos “salários” e um cenário de míngua, os alfabetizadores com frequência se queixavam dessas “obrigações”.

Essa realidade explica as constantes solicitações de aumento salarial que aqui, vem em tom de súplica: “Mais a Deus querer, possa ser que ainda venha um bom aumento (...). Confiada em Deus e no vosso bom coração espera essa melhora a mais humilde de vossas servas”. As necessidades eram muitas e a realidade desafiava a continuidade das aulas. Pedidos de diversas ordens eram colocados pelos alfabetizadores: emprego, aumento salarial, melhores estruturas (cadeiras, mesas, querosene, lampião, material escolar, merenda, transporte até os locais de aula), melhores condições de trabalho e até dinheiro emprestado.<sup>6</sup>

Cartas são documentos que intrigam os pesquisadores quanto à possível identidade do autor. Além da descrição de um cenário social a partir dessas narrativas, encontro nesse conjunto de epístolas alguns indícios de quem são os sujeitos históricos que produziram esses escritos: mães (geralmente de muitos filhos), donas de casa, trabalhadores rurais, jovens e velhos desempregados que veem no Mobral a chance de conseguir algum sustento familiar, em terras escassas de oportunidades.

Homens e mulheres entre 15 e 65 anos de idade que compõem um universo de milhares de alfabetizadores que, a partir do ideário criado pelo governo militar, estimavam a alfabetização de todo o país. As cartas produzidas por professores e professoras do Mobral apresentam alguns tons de uniformidade do ponto de vista da estrutura narrativa. Geralmente são abertas com um cabeçalho indicando o local de onde escrevem: “Fazenda Santa Maria, 15-7-80”, “Russas 15 de julho de 1980”, “Sabiaguaba 15-7-80”, “Serra Branca 23 de 11 de 1975” uma expressão de saudação e pronomes de tratamento. Na maioria das vezes, marcada por grande veneração às autoridades a que se remetiam: “ilustríssimo senhor presidente do Mobral, como vai vossa alteza?”, “presada equipe do Mobral, cordiais saudações”, “excelentíssimo senhor presidente da república”, “presado comiçao do Mobral”, “Presidente Geisel, como está vossa santidade?”. Algumas, destoando da formalidade usual, esboçavam um tom de maior intimidade com

---

<sup>6</sup> Chama a atenção o pedido inusitado de um alfabetizador ao ousadamente solicitar numa carta: “Sr. Mario Henrique Simonsen. Será que o sr. Poderia conseguir entre seus amigos para me auxiliar a quantia de mil cruzeiros? O sr. Anotará os nomes dos amigos e a quantia que cada um contribuir. Depois que controlar minha situação irei depositando no banco, até completar o que me for enviado. Depois mandarei. Só Deus sabe a minha situação” (...) 11/8/1972.

seu provável leitor: “Querido Arlindo Lopes”, “Caros amigos da equipe do Mobral”, “prezados diretores tudo bem por aí?”.

Os parágrafos de agradecimento frequentemente presentes nas narrativas mostram uma reverência e referência aos líderes nacionais, procedimento que era estimulado pelas ações nacionalistas e propagandistas do regime militar em seus usos midiáticos: “No primeiro dia de aula fiz a entrega aos alunos de um jornal no qual vinha uma foto do presidente Médici isto nos enriqueceu mas para a palestra de porque foi criado o Mobral, quem o trouxe e o que visa acabar no Brasil” (Francisca Adelino, Mina Bodó INEP – Arquivo Mobral, Cx 126, n°226).

Em alguns trechos fica clara a visão que os alfabetizadores tinham do programa como um todo, apesar de suas limitações e problemas nas esferas locais que enfrentavam: “Em primeiro lugar envio um abraço a todos que formam o Mobral Central (...) Pois seio que são pessoas muito importantes. que trabalham com essa maravilhosa aula, êste maravilhoso plano” (INEP – Arquivo Mobral, Cx 126, n° 294).

No que se refere ao desempenho dos alunos, as epístolas registram que apesar da precariedade, com o esforço dos alfabetizadores o rendimento dos alunos é satisfatório. Considerando esse aspecto, é possível ler em algumas delas:

“sobre meus alunos, acho que estão rendendo muito bom, nos estudos. São ótimos”. (INEP – Arquivo Mobral, Cx 126, n°326).

“O Mobral veio me encinar; mas nunca pensei que fosse tão bom. Graças a deus que os meus alunos são bons. Já tenho 17 aluno meu que não sabia nada mas tinha uma vontade especial para eu lhes ensinar cuidei muito dele foi alfabetizado. Graças a deus e o Mobral”. (INEP – Arquivo Mobral, Cx 126, n° 319).

Outro elemento comum é o balanço da assiduidade entre os alunos matriculados e possíveis desistências no curso, informação sempre exigida. Diante da pressão, os alfabetizadores apontam seus números e se esforçam para justificar os casos de desistência ou de não alfabetização. Dentre os argumentos mais utilizados para justificativa estão: cansaço da jornada de trabalho, doenças, problemas de visão, fome e pobreza.

As cartas geralmente encerram com um pedido de desculpas pelos erros e limitações na escrita e pelos “aborrecimentos” numa referência aos pedidos que fossem feitos.

## Cartas dos alunos do Mobral

Dezembro de 1972. Terminava um ano intenso para o Brasil. As celebrações do sesquicentenário da Independência agitaram de norte a sul o país que celebrou do funeral festivo de Pedro I a conquista da Minicopa de futebol<sup>7</sup>. Para o Mobral também foi um ano expressivo. O programa comemorou naquele ano a marca histórica de 3.405 municípios assistidos, o que lhe rendeu o título de programa de maior penetração do país<sup>8</sup>.

Terminava também naquele mês mais um ciclo do curso de alfabetização funcional no Engenho Beltrão no Paraná. A professora do grupo, Geralda Pires Felicia, desafia seus treze alunos concluintes a escrever uma carta. Uma espécie de atestado de alfabetização pelo qual todos os alunos do Mobral deveriam passar para receber o tão esperado certificado de conclusão.

Com o Natal se aproximando e o clima de confraternização em alta, a alfabetizadora sugere ao grupo que enderecem as cartas ao presidente da república, num gesto de gratidão pelo bom ano que tiveram, pelo Mobral e principalmente pela oportunidade que tiveram de se tornarem “cidadãos”. É possível que a insegurança, o medo e a vergonha fizessem alguns daqueles alunos hesitarem na proposta, mas, motivados pelo entusiasmado pedido de sua professora, começam a elaborar suas cartas. Escritas a lápis ou caneta, em uma folha de papel de caderno ou retalho de papel de embrulho, as cartas dos alunos foram aos poucos tomando forma. Foram necessários muitos rascunhos até a versão final, mas, enfim, conseguiram fazer as postagens até as vésperas das festas natalinas.

Do ponto de vista estético, esse conjunto de treze cartas possui certa aproximação: são curtas, geralmente com no máximo uma lauda do tradicional caderno escolar pequeno; rasuradas, possivelmente pela intervenção da própria professora que faz algumas correções nos textos; vocabulário restrito e caligrafia típica de quem ainda não

<sup>7</sup> Para o aniversário de 150 anos da Independência do Brasil, o governo Médici investiu na promoção de dois grandes eventos: a transladação solene dos restos mortais de Pedro I e a criação do “Torneio da Independência” ou, como ficou mais conhecida, a Minicopa de futebol e contou com a participação de vinte países. O jogo da final levou ao estádio do Maracanã mais de 100 mil pessoas para ver sugestivamente Brasil x Portugal. Até os 44 minutos do segundo tempo o jogo estava 0x0 o que enchia de ansiedade e nervosismo toda a nação que via ou ouvia o jogo. Até que no último minuto da partida Jairzinho sofre uma falta na entrada da grande área. Ele mesmo bate a falta e para o delírio de toda uma nação faz 1x0. “Ninguém segura esse país! Pra frente Brasil, salve a seleção”.

<sup>8</sup> Segundo Arlindo Lopes Correa, em entrevista a *Revista Veja* n° 204, em 02/02/1972.

domina com segurança o traçado no papel fugindo muitas vezes do alinhamento padrão. O que mais importava, no entanto era que elas foram possíveis. Uma vez escritas, essas cartas alimentavam a certeza de que dali em diante não seria mais preciso “melar o dedo” para “assinar o nome”. A professora esperou que todas as cartas ficassem prontas para que a postagem pudesse ser feita de uma vez, garantindo que juntas fossem recebidas pelo Mobral Central. Além de “sinceros votos de feliz natal e próspero 1973”, as cartas dos alunos do Engenho Beltrão também traziam elogiosas notas de agradecimento ao Mobral:

“Venho expressar meu sentimento pelo Mobral”.

“Quero de coração enviar meu agradecimento ao senhor presidente Médici por ter feito o Mobral”.

“Agradeço ao Sr. Presidente do mobral pela oportunidade de fazer muitos brasileiros ser mais brasileiros”

“Dou bem graças a Deus porque eu não sabia ler nem escrever e este mobral está me ensinando”.

“Agradeço a oportunidade que o senhor presidente me deu de aprender a ler e escrever”<sup>9</sup>.

Ao contrário das cartas dos alfabetizadores, as cartas os alunos do Mobral não pedem nada. Externam profunda gratidão pela experiência proporcionada e talvez por isso não se sintam a vontade para fazer novas solicitações, a não ser uma carta de resposta confirmando que seu esforço em escrever não teria caído no vazio. No enredo fazem questão de falar um pouco de si, da família e da vida que levam, mas sem aparente tom de lamento e muito mais preocupados em se fazer conhecidos por seus prováveis leitores:

“me chamo Antonio e trabalho na roça, tenho 6 filhos piquenos”

“trabalho o dia e estudo a noite. Quero dizer ao senhor quando não esperava mais nada do meu futuro surgiu o Mobral pa me ajudar”

“tenho 39 anos e sou solteira sou católica. O papai tem 69 anos e mamãe tem 63 anos são trabalhadores graças a Deus. Eu sinto da prêção alta e tiroide e nervo e estomago. alimento com sopa. Sofro de varize nas pernas. a perna esqueda está com uma ferida de veia já faz onze anos. sou muito feliz graças a Deus.<sup>10</sup>

A vida simples e as dificuldades cotidianas vão surgindo entre as linhas mal escritas dos alunos mobralenses, que geralmente encerram logo em seguida as cartas com pedidos de desculpas pelos erros cometidos no ato da escrita:

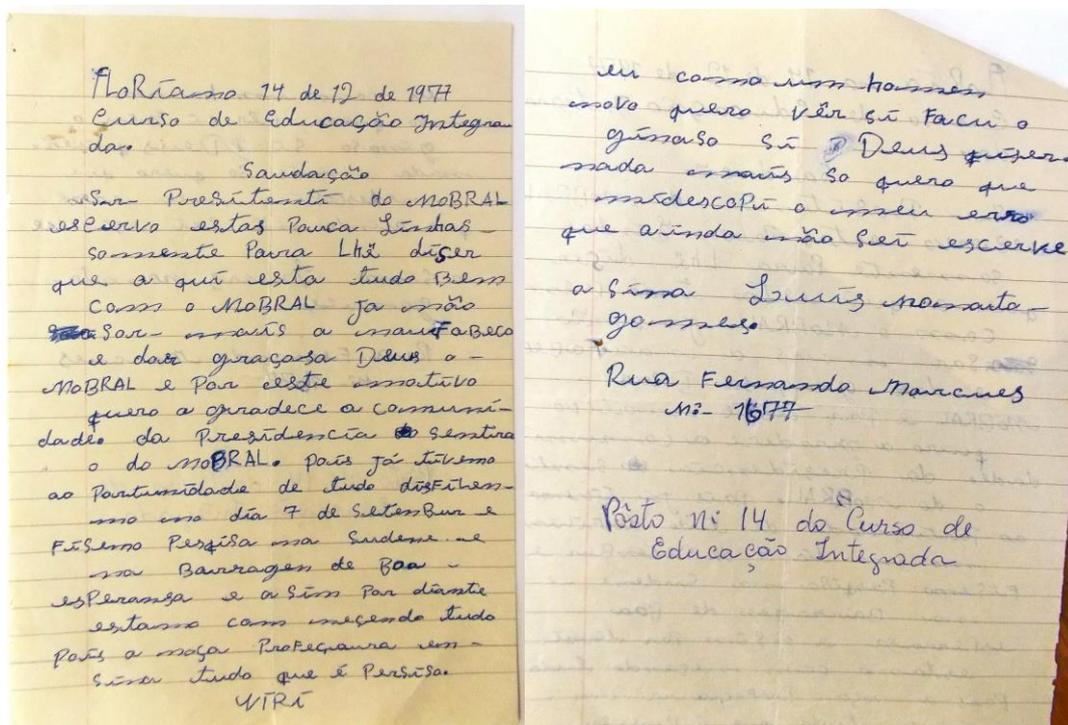
<sup>9</sup> Trechos de cartas diversas de alunos do Mobral escritas em dezembro de 1972 Cx. 121.

<sup>10</sup> Trechos de cartas diversas de alunos do Mobral escritas em dezembro de 1972 Cx. 121.

“vá discupando os erros que são muitos”  
 “peço desculpa pelos erros é que não sei ainda escrever bem”  
 “termino me discupando dos erros que são muitos”.<sup>11</sup>

Como exemplo desse escrito epistolar apresento ao leitor a carta de Luís Nonato Gomes, que na sua simplicidade narra:

**Figura 5** – Carta de aluno do Mobral



Fonte: Inep – Arquivo Mobral, Cx: 29.

## As cartas-resposta do Mobral Central

Terça-feira, 31 de março de 1981. Décimo sétimo aniversário do golpe. Os termômetros marcavam incômodos 34°C no típico verão carioca. Do seu marrom e largo birô de trabalho extremamente organizado, sob a amena temperatura ambiente de 20°C, possível apenas pelo uso de ar condicionado, a gerente pedagógica do Mobral pede a sua auxiliar administrativa que redija as cartas-resposta do lote que chegou do Ceará,

<sup>11</sup> Trechos de cartas diversas de alunos do Mobral escritas em dezembro de 1972 Cx. 121.

entregues já havia cinco meses. Entre as cartas que deveriam ser respondidas estava uma vinda da cidade de Sobral.

A missão dada a auxiliar administrativa era simples, dado que modelos de cartas-resposta já existiam precisando apenas que alguns adendos fossem acrescentados a fim de atender a uma questão específica colocada pelo remetente. Uma vez datilografada, a carta-resposta passava pela apressada leitura da gerência pedagógica que datava, assinava e carimbava o documento antes de ser selado e postado. Era preciso agilidade.

Uma cerimônia na sede do Mobral lembraria a fatídica data em 1964. O aniversário do golpe não foi celebrado naquele ano com tanta pompa como fora em outros. Desgastes internos e externos ao governo e até mesmo questionamentos relacionados às conquistas do Mobral não empolgavam mais tanto quantos outros aniversários da “revolução”<sup>12</sup>. Ainda sim, é preciso comemorar e mais do que isso, garantir sua saída do poder de forma “lenta, gradual e segura”.

Em resposta à carta de Sobral, usando o tradicional papel timbrado, a gerência do Mobral declara:

Prezada senhora,

Sua carta foi motivo de satisfação para nós, por contarmos com pessoa tão dedicada, como você, e com capacidade de se preocupar com os problemas sérios de nosso país, como o analfabetismo.

Vimos que você é uma alfabetizadora com experiência pelo tempo em que trabalha no Mobral. Sua tarefa não deve ser fácil, tendo que trabalhar sem local apropriado, onde tanta coisa atrapalha o bom andamento das atividades.

Sua supervisora e tantos elementos da Comissão Municipal e do Mobral já devem ter lhe dado orientação sobre a nova linha de ação comunitária que estamos adotando.

Assim, sugerimos que converse com essas pessoas, pedindo que lhe ajudem a organizar um trabalho de ação comunitária, a fim de construir uma pequena escola, ou mesmo uma simples sala.

Converse com seus alunos, com as pessoas que apoiem seu trabalho, marque com eles uma reunião e planejem atividades para conseguir fundos, isto é, o dinheiro necessário para essa pequena construção. É comum surgirem muitas idéias do grupo reunido e daí surge muita criatividade.

Achamos que você é um elemento ideal e líder para colaborar com a solução do problema.

Volte a nos escrever quando você iniciar esse trabalho comunitário Com o nosso abraço e votos de sucesso.

<sup>12</sup> A alta inflacionária do período e as constantes denúncias de torturas e de assassinatos punham em xeque os militares no início dos anos 1980. Essa fase ficou conhecida, nas palavras de Élio Gaspari como a Ditadura Encurralada. Para mais detalhes ver: GASPARI, Élio. *A ditadura encurralada*, volume 4. Coleção O Sacerdote e o Feiticeiro, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Atenciosamente,  
Adélia Maria Nehme Simão e Koff  
Gerente pedagógica.<sup>13</sup>

Esse texto foi escrito em resposta à carta da professora Margarida Teixeira Pinto. Alfabetizadora do Mobral há dez anos, Margarida enfrentou muitos desafios para conseguir alfabetizar. O maior deles estava no fato de nunca ter tido um lugar fixo para suas aulas. A única turma do bairro de Sumaré nunca teve um endereço fixo. Contava com a “boa vontade” de alguns que, por alimentarem um enorme desejo de aprender a ler e escrever, as aulas da turma de Margarida aconteciam em espaços volantes. Em cada edição o endereço da turma mudava e ganhava a casa de algum dos novos alunos.

Esse nomadismo trazia de acordo com a alfabetizadora, “uma grande dificuldade. A coisa não é mole agente ensinar nas moradas dos outros um pertuba, outro conversa alto e assim é ruin”. Entretanto, a solução definitiva do problema parecia a caminho com um presente que a professora Margarida recebeu:

[...] ganhei um pedacinho de chão para levantar uma salinha pra eu dar aula mais não tenho condições de mandar levantar porque tudo está caro eu não posso agir com isso a não ser que eu tenha uma ajuda da coordenação. O tijolo muito caro a telha também eu não tenho condições, sou sozinha para resolver estes problemas. Peço-lhe uma ajuda para eu determinar este serviço, porque com uma ajuda eu faço se Deus quizer sou uma pessoa que sempre trabalhei para acabar o analfabetismo desde 1970.

114

Já que o terreno apareceu, a sala deveria aparecer também! Tudo deveria partir da comunidade que, então, sob a liderança da professora, deveria se organizar para construir a sala de aula. Era assim que o Mobral funcionava. Assim diziam as cartas-resposta.

## Considerações Finais

Persegui o Mobral nos últimos anos, seguindo suas pegadas, ouvindo suas vozes, lendo suas cartas, olhando o mundo a partir de suas imagens, colecionando suas notícias e me “alfabetizando” por meio de suas cartilhas. Investiguei um passado detentor de

---

<sup>13</sup> Arquivo do Inep. Cartas-resposta n° 983.

muitas frestas que se contrapõem às inúmeras certezas anunciadas pela tradicional e consagrada historiografia sobre o tema. Os “buracos” da memória apresentaram um passado que guarda respostas a perguntas que ninguém nunca tinha feito, e ainda não fez.

Ao optar por estudar o Mobral, dispus-me a quebrar certo silêncio entre os historiadores e navegar por outras margens, destoando dos caminhos feitos por outros pesquisadores, como os da área da Educação. Nessas práticas, na medida do narrável, busquei emitir, com base nas fontes pesquisadas e memórias construídas sobre o Mobral, outros sons da trajetória política e social da educação brasileira nos anos 1970-1980.

Estudar o Mobral me obrigou a pensar a história da ditadura civil-militar no Brasil para além da repressão, das torturas e de seus personagens marcantes. Com essa escolha, pude ver a “ditadura” quando ela “não parecia ditadura”. Dito em outras palavras, estudar o Mobral ofereceu-me (ofereceu-nos) a possibilidade de ver o regime em movimentos de negociações, apropriações diversas e representações de si mesmo e da sociedade que governou. Afinal, nenhuma ditadura sobrevive apenas com cassetetes, choques elétricos, balas e desaparecidos políticos.

Por isso, não é possível ter uma compreensão ampla dos mais de vinte anos de ditadura no Brasil sem considerar a ala do regime que não vestia farda, que não batia continência, mas operava com outras (e eficientes) ferramentas para a construção de uma legitimidade e governabilidade, como a alfabetização, uma forte estrutura burocrática, lápis, cartilhas e alguns candeeiros.

## Referências

CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagres: comemoração, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CORREA, Arlindo Lopes. *Educação de massa e ação comunitária*. Rio de Janeiro: AGGS; Mobral, 1979.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. *Documento básico Mobral*. Rio de Janeiro: Mobral, 1973a.

\_\_\_\_\_. *Mobral: sua origem e evolução*. Rio de Janeiro: Mobral, 1975a.

\_\_\_\_\_. *Soletre Mobral e leia Brasil*. Rio de Janeiro: Mobral, 1975b.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

REZENDE, Maria José de. *A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984*. Londrina, PR: UEL, 2001.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.